



Carta Mensal



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT



Caros leitores,

É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa **Carta Mensal**.

Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.

Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para **sua compreensão do atual cenário de investimentos**.

Atenciosamente,

Gilberto Kfour Jr.

Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil



ECONOMIA



Andressa Castro

Economista-chefe

“ Ao optar pela manutenção de juros, o Federal Reserve retira pressão sobre bancos centrais de países emergentes, como o Brasil. ”

ECONOMIA INTERNACIONAL

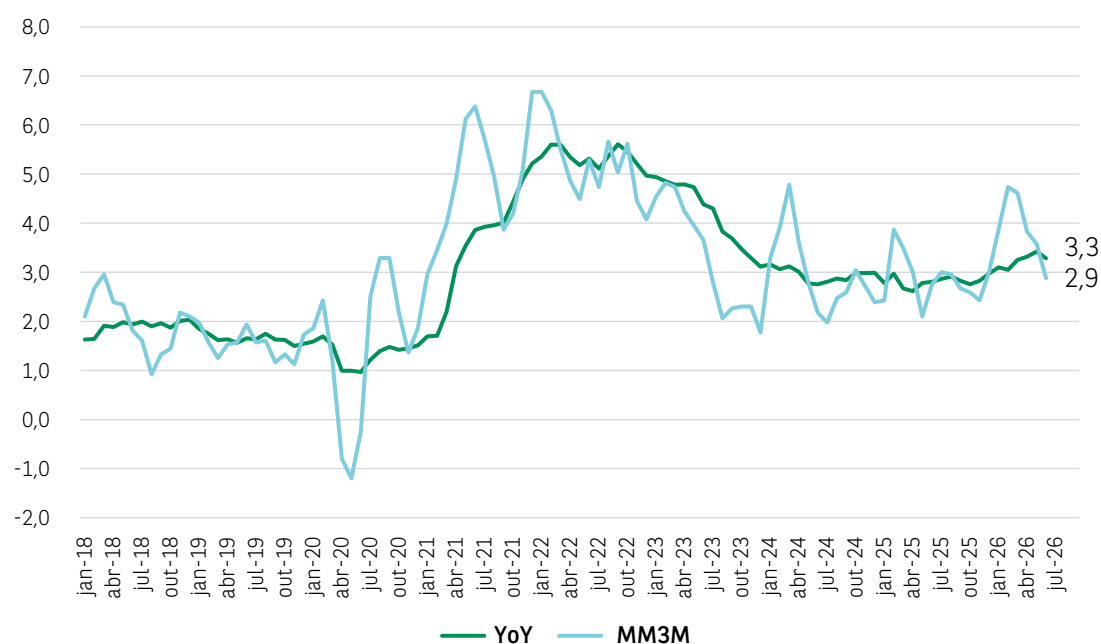
O mês de julho foi marcado pela retomada das tensões entre Estados Unidos e Irã, após o fracasso do acordo provisório de cessar-fogo firmado em junho. A escalada incluiu novos ataques militares, o fechamento do Estreito de Ormuz e o restabelecimento de restrições às exportações de petróleo iraniano. Como consequência, o petróleo registrou forte alta ao longo de julho, elevando o prêmio de risco geopolítico incorporado aos mercados. Mais recentemente, entretanto, o cancelamento de novos ataques planejados pelos EUA a discussão entre o Irã e Omã sobre uma rota segura para navegação no estreito de Ormuz provocaram uma queda parcial do petróleo e algum alívio nos ativos de risco. Apesar dessa melhora recente, o conflito permanece em aberto, como uma importante fonte de incerteza para o cenário global, especialmente em relação às perspectivas para inflação e dinâmica do mercado internacional.

Diante desse cenário de alta volatilidade nos preços de energia e incerteza elevada, os bancos centrais seguem cautelosos. Na Europa, o Banco Central Europeu (“BCE”) manteve a taxa de juros em 2,25%, mas a comunicação da presidente Christine Lagarde reforçou que os riscos para a inflação apontam para cima e sinalizou que novas altas de juros permanecem sobre a mesa. Caso o conflito não se encerre até setembro, o cenário base do mercado é de mais uma alta de juros pelo BCE na próxima reunião. O Banco da Inglaterra manteve a taxa de juros em 3,75% na reunião de julho, em uma decisão dividida de 6 votos a 3, com três membros defendendo uma alta de 25 pontos-base (“bps”). Apesar dessa postura mais dura do comitê, a comunicação do presidente Andrew Bailey afastou a possibilidade de elevação iminente da taxa de juros, reforçando a visão de manutenção prolongada das taxas enquanto monitora a evolução das pressões inflacionárias.

A maior fonte de incerteza sobre as decisões de política monetária tem sido o Federal Reserve (“Fed”), sob o recente comando de Kevin Warsh. Em sua última reunião, o Federal Open Market Committee (“FOMC”) optou por manter a taxa de juros estável no intervalo entre 3,50% e 3,75%, mas com a dissidência de três membros defendendo uma elevação de 25 bps. Durante a conferência, Warsh não emitiu sinais sobre os próximos passos de política monetária, levando o mercado a se dividir sobre a precificação de alta e de manutenção de juros para a reunião de setembro. Por um lado, Warsh tem sido bastante vocal sobre a intolerância em relação à inflação rodando acima da meta. Por outro lado, não votou para a alta de juros nas duas últimas reuniões e tem se concentrado em dar andamento nas “tasks forces” encomendadas por ele.

Na falta de sinais claros do Fed, os dados econômicos ganham maior relevância no direcionamento do mercado em relação à política monetária. Do lado do mercado de trabalho, há uma estabilização do lado do desemprego, enquanto os salários seguem em uma desaceleração lenta, sem pressionar a inflação. Do lado da inflação, a dissipação de choques recentes tem levado a um comportamento benigno nas últimas leituras. É possível observar uma desaceleração da inflação de bens, passado o pior momento de pressão das tarifas. O maior stress no preço de petróleo e gasolina também está ficando para trás. A inflação de aluguéis segue desacelerando, acompanhando o arrefecimento nos preços de casas. Tudo isso indica que, por enquanto, não há urgência para altas de juros pelo Fed no curto prazo, embora o comitê e o mercado permaneçam divididos.

Gráfico 01
Núcleo de Inflação do PCE (%)

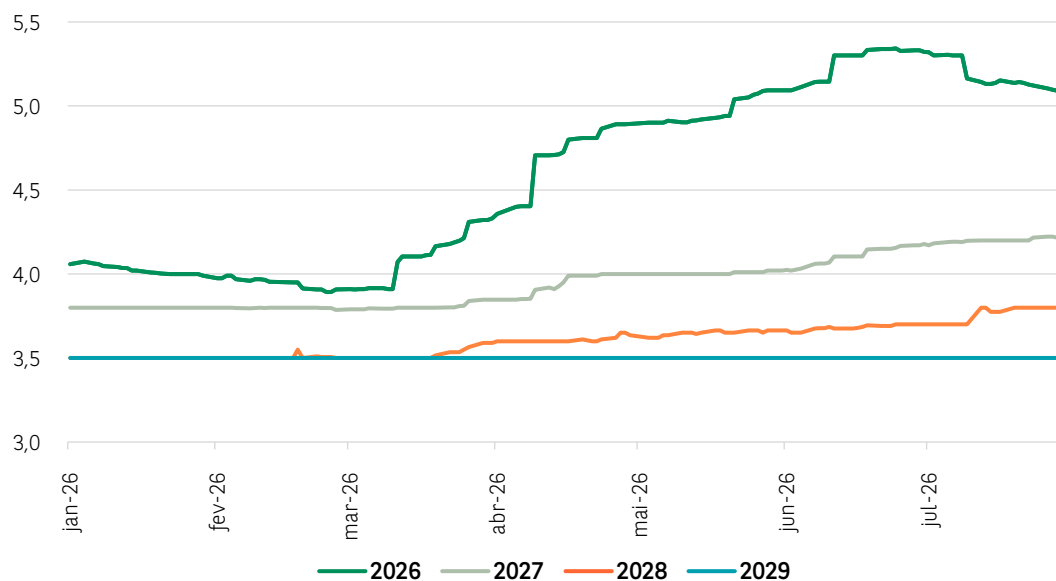


Fonte: Bureau of Economic Analysis (BEA), Bloomberg julho/2026

ECONOMIA BRASILEIRA

Ao optar pela manutenção de juros, o Fed retira pressão sobre bancos centrais de países emergentes, como o Brasil. O dólar tem apresentado um comportamento benigno versus o real, mesmo diante da proximidade das eleições e expectativas de aumento da volatilidade da moeda nesse período. A dinâmica cambial daqui até o final do ano será um dos principais fatores para determinar o espaço do afrouxamento monetário pelo Banco Central ("BC").

Gráfico 02
Mediana das expectativas de inflação no Focus (%)



Fonte: Banco Central julho/2026

Nesta última reunião, o Copom reduziu a taxa de juros em 25bps, para 14%, conforme nossa expectativa e o consenso de mercado. Além disso, o BC deixou em aberto a possibilidade de continuidade do ciclo de calibração, a depender da evolução dos dados futuros. No curto prazo, projetamos uma dinâmica positiva nos dados de inflação, que sustentarão o ciclo de cortes do BC por, pelo menos, mais uma reunião.

De fato, estamos passando por uma janela positiva de dados. Do lado do mercado de trabalho, é possível notar uma desaceleração significativa no crescimento real de salários, que acreditamos ser uma das principais fontes de pressão sobre a inflação de demanda. Durante os últimos anos, o crescimento real dos salários superou em muito o crescimento da produtividade brasileira. Uma normalização era esperada e necessária para frear a inflação. Além disso, alguns dados como a produção industrial, sondagens de vários setores e dados de cartão de crédito apontam para uma perda de dinamismo da atividade nesse final do primeiro semestre e início do segundo.

Do lado da inflação, o IPCA de junho, bem como o IPCA-15 de julho, trouxe surpresas baixistas relevantes em relação ao consenso dos economistas. Essa melhora levou a uma queda 31bps nas expectativas de inflação do Focus para 2026 contra o pico registrado em junho. De acordo com as nossas projeções, serão três meses consecutivos de inflação baixa (junho a agosto, sendo esse último uma deflação), o que pode ajudar o BC até a próxima reunião.

Gráfico 03
Taxa de câmbio – Dólar



Fonte: Bloomberg julho/2026

No 4º trimestre, no entanto, acreditamos ser necessária uma pausa do ciclo de cortes, devido a uma sobreposição de efeitos inflacionários: impacto do El Niño sobre a inflação de alimentos, possível reajuste nos preços de gasolina caso o petróleo siga pressionado e a volatilidade do câmbio em torno das eleições. Projetamos uma inflação de 5,1% ao final desse ano e esses fatores devem manter a inflação acima do teto da meta também no início de 2027, retornando para baixo dos 4,5% apenas no 2º trimestre. Acreditamos que, passados esses efeitos, o BC seria capaz de retomar o ciclo de cortes, levando a Selic em direção aos 12,50%.

Entretanto, vale reforçar que essa retomada do ciclo de cortes é condicional ao comportamento do câmbio e da perspectiva fiscal para os próximos anos. Dificilmente haverá espaço para novos cortes de Selic caso não haja nenhum comprometimento do próximo governo em fazer algum ajuste fiscal. Por outro lado, caso sejam anunciadas medidas críveis e reformas necessárias para frear o crescimento de gastos obrigatórios, garantindo uma trajetória de dívida mais sustentável, seria possível dar continuidade a um processo mais robusto de cortes de juros, de forma perene.

RENDA FIXA E MULTIMERCADO



Michael Kusunoki

Head Renda Fixa & Multimercados

“... A preocupação não é com o choque em si, mas com sua persistência e capacidade de desancorar expectativas.”

Os dados melhoram, mas as incertezas permanecem.

Parece incrível, mas o petróleo voltou a negociar próximo de USD 100 por barril do petróleo (“Brent”). Depois da forte queda observada em junho, o mercado voltou a incorporar prêmios de risco associados ao conflito no Oriente Médio, reforçando a impressão de que ainda teremos algum tempo de alternância entre momentos de escalada e alívio. O resultado é um ambiente de elevada volatilidade e baixa previsibilidade, em que os preços oscilam mais em função das manchetes do que dos fundamentos. Para os mercados, isso se traduz em uma consequência bastante conhecida: mais volatilidade e mais prêmio incorporado aos ativos.

Nesse contexto, o mercado de juros parece ter entrado em um modo de espera permanente. Há dúvidas sobre os desdobramentos do conflito e seus impactos sobre a inflação global. Há incerteza sobre os efeitos do El Niño na oferta de alimentos e na dinâmica inflacionária dos próximos meses. Há expectativa sobre os próximos passos do Fed sob a liderança de Kevin Warsh e sobre a possibilidade de uma postura mais restritiva da autoridade monetária americana. E, no âmbito doméstico, começam a ganhar relevância as discussões em torno das eleições presidenciais de 2026 e, posteriormente, das diretrizes de política fiscal do próximo governo. São temas distintos, mas que compartilham uma característica importante: permanecem em aberto e sujeitos a mudanças abruptas de direção. Enquanto isso persistir, os prêmios de risco tendem a permanecer elevados.

Mas nem tudo é incerteza. Os dados correntes da economia brasileira têm fornecido sinais cada vez mais consistentes de desinflação. O IPCA de junho registrou alta de 0,16%, contra expectativa de 0,31%, enquanto o IPCA-15 de julho veio em apenas 0,06%, bem abaixo do consenso de 0,22%. Foram surpresas relevantes, que reforçaram a percepção de que a inflação está cedendo mais rapidamente do que o mercado imaginava. O resultado ajuda a pavimentar o caminho para mais um corte da Selic em agosto e acaba validando, ao menos parcialmente, a postura adotada pelo BC nas últimas reuniões.

Vale lembrar que a decisão mais recente do Copom foi recebida com bastante ruído. Houve forte resistência de parte do mercado ao corte promovido pelo BC, em um momento em que predominava uma visão mais pessimista para a inflação. Poucas semanas depois, os dados passaram a corroborar a leitura da autoridade monetária. Em última instância, foi um exemplo de como as expectativas podem se ajustar rapidamente quando confrontadas com novas evidências.

Além da inflação, a atividade econômica também tem surpreendido. Tanto as vendas do varejo quanto a produção industrial vieram mais fracas do que o esperado, reforçando a percepção de que os efeitos do aperto monetário continuam sendo transmitidos para a economia. Os sinais ainda são menos evidentes no mercado de trabalho, mas mesmo nesse segmento começam a aparecer algumas indicações de enfraquecimento, especialmente na evolução da massa salarial.

Assim, seguimos navegando entre dois mundos. De um lado, uma lista extensa de incertezas relevantes e de difícil previsão. De outro, uma sequência de indicadores domésticos que caminham na direção oposta, apontando para um ambiente mais benigno para a inflação e para a continuidade do ciclo de flexibilização monetária. Por enquanto, os dados seguem prevalecendo. Nossa avaliação é que ainda existe espaço para cortes adicionais da Selic nos próximos meses e acreditamos que essa tendência de curto prazo deve ser preservada, desde que as incertezas hoje em aberto não se materializem de forma adversa.

Diante da melhora observada nos indicadores e da consequente reprecificação da curva de juros, optamos por reduzir marginalmente nossa posição aplicada no DI Janeiro 2029. A decisão não reflete mudança de cenário, mas sim disciplina na gestão do risco. Parte relevante da convergência que esperávamos já foi capturada pelos preços e, em um ambiente tão sujeito a reviravoltas, entendemos que o equilíbrio entre convicção e prudência continua sendo o melhor caminho.

CRÉDITO PRIVADO



Henri Rysman de Lockerente

Head de Crédito Privado

“Setorialmente, seguimos privilegiando crédito bancário, reflexo da redução do diferencial de prêmio entre ativos bancários e corporativos e da menor oferta de emissões corporativas.”

Julho marcou uma pausa no forte movimento de fechamento de spreads observado nos meses anteriores. Os prêmios de crédito abriram tanto no mercado CDI quanto no mercado de infraestrutura, com a mediana dos spreads avançando 23 bps e 13 bps, respectivamente. No entanto, o movimento foi concentrado principalmente nos emissores de maior risco e em créditos que já negociavam em níveis mais elevados de spread, enquanto os papéis de maior qualidade continuaram apresentando forte demanda. De fato, os spreads de debêntures AAA encerraram o mês próximos das mínimas observadas desde o final de 2025, refletindo a busca dos investidores por ativos de maior qualidade.

Do lado técnico, seguimos observando uma melhora consistente dos fluxos para a classe. Os fundos de crédito privado registraram captação líquida de R\$ 14,4 bilhões em julho, enquanto os fundos de infraestrutura apresentaram resgates líquidos de R\$ 1,6 bilhão, número significativamente inferior às saídas observadas nos meses anteriores. Ao mesmo tempo, a oferta de novos papéis permaneceu relativamente contida, com cerca de R\$ 40 bilhões emitidos no mês e percentual distribuído de 62%, o melhor resultado do ano até aqui.

O mercado secundário continuou bastante ativo, com volumes próximos de R\$ 100 bilhões no mês. Destacou-se ainda o forte nível de negociação em créditos de alta qualidade, especialmente nas emissões da Localiza, que responderam por parcela relevante do volume negociado no período. Esse comportamento reforça que a liquidez do mercado permanece saudável e que os investidores continuam privilegiando emissores com fundamentos mais resilientes.

Do lado corporativo, destacaram-se eventos positivos como o aumento de capital de até R\$ 2,1 bilhões anunciado pela Aegea e a aprovação regulatória da combinação entre OceanPact e Classificação Brasileira de Ocupações (“CBO”). Por outro lado, o ambiente continuou seletivo, com novos eventos de reprecificação e revisões de rating em alguns emissores mais alavancados, reforçando a importância da análise fundamentalista e da seleção de crédito.

Nesse contexto, mantemos uma postura seletiva, mantendo duração controlada e privilegiando emissores com fundamentos sólidos, estruturas de capital resilientes e operações com melhor relação risco-retorno, especialmente em um mercado que segue bastante discriminatório entre os diferentes perfis de crédito.

RENDA VARIÁVEL



Marcos Kawakami

Head Renda Variável

“ Destacávamos, desde o início do ano, que 2026 seria marcado por maior volatilidade nos mercados. Seguimos atentos a temas que devem continuar gerando oscilação relevante para os mercados. ”

O mês de julho foi marcado pelo retorno da volatilidade aos mercados globais, principalmente em função da evolução do cenário geopolítico. Após um período de relativa estabilidade decorrente do cessar-fogo observado nos meses anteriores, a retomada das tensões voltou a elevar o nível de incerteza dos investidores. Ao longo do mês, alternaram-se notícias sobre uma possível escalada do conflito e negociações para seu encerramento, provocando movimentos expressivos nos preços do petróleo. Como consequência, o petróleo voltou a negociar em patamares mais elevados, reacendendo preocupações relacionadas à inflação global, ao crescimento econômico e aos impactos sobre a condução da política monetária nas principais economias.

Nos Estados Unidos, os mercados acionários encerraram o mês próximos da estabilidade, mas apresentaram elevada volatilidade ao longo do período. Parte da resiliência observada nos índices foi sustentada pelos resultados das grandes empresas de tecnologia, que continuaram demonstrando forte crescimento e perspectivas robustas de investimento. Ainda assim, o ambiente foi marcado por debates importantes em torno da sustentabilidade do ciclo de investimentos em inteligência artificial, especialmente após uma forte queda nos preços das ações ligadas à cadeia global de semicondutores e memória, como Samsung, SK Hynix e Micron. Apesar dessa correção, a temporada de resultados das empresas de tecnologia segue reforçando a visão de que os investimentos em infraestrutura necessária para o desenvolvimento da inteligência artificial permanecerão elevados nos próximos trimestres. Os anúncios de novos projetos e planos de expansão continuam indicando confiança na demanda futura, embora o mercado tenha passado a discutir de forma mais intensa a velocidade de crescimento e o retorno desses investimentos. Outro fator importante para a volatilidade observada ao longo do mês foi a reunião do Fed. As discussões em torno da trajetória dos juros americanos evidenciaram um ambiente de maior incerteza, especialmente em relação ao momento adequado para o início de um ciclo mais consistente de flexibilização monetária. Como resultado, observamos uma inclinação maior da curva de juros americana, refletindo dúvidas dos investidores tanto sobre o crescimento econômico quanto sobre a convergência da inflação para as metas estabelecidas.

Nos mercados emergentes, o desempenho foi bastante heterogêneo. Enquanto alguns países foram beneficiados pela valorização das commodities e pela melhora das perspectivas para o comércio global, outros enfrentaram forte pressão, principalmente aqueles mais expostos ao setor de tecnologia. A China se destacou positivamente, apoiada pelos avanços nas negociações comerciais com os Estados Unidos e por expectativas mais favoráveis para sua atividade econômica. As commodities tiveram papel relevante ao longo do mês. O petróleo foi o principal destaque, impulsionado pelo aumento das tensões no Oriente Médio e pela preocupação com possíveis interrupções na oferta global. Esse movimento trouxe benefícios para empresas ligadas ao setor de energia, mas também aumentou as incertezas em relação à trajetória da inflação mundial.

No Brasil, o Ibovespa apresentou desempenho positivo ao longo do mês, beneficiado principalmente pela valorização das commodities e pelo peso relevante dos setores de energia, materiais básicos e financeiro na composição do índice. Por outro lado, empresas menores (i.e. small caps) continuaram enfrentando um ambiente mais desafiador, refletindo a combinação de juros elevados, menor liquidez e maior sensibilidade ao ciclo econômico doméstico. Julho também marcou o início da temporada de resultados do segundo trimestre de 2026. Embora ainda em estágio inicial, algumas prévias divulgadas por empresas de diferentes setores reforçaram uma preocupação que já vínhamos monitorando nos últimos meses: a desaceleração gradual dos resultados corporativos. O setor de construção civil, por exemplo, apresentou indicadores preliminares abaixo das expectativas do mercado, enquanto outros segmentos, como o setor bancário, também começam a mostrar sinais de moderação no ritmo de crescimento. Ainda é cedo para conclusões definitivas, mas seguimos atentos à possibilidade de um ambiente de lucros mais desafiador para as empresas brasileiras.

Em relação ao fluxo de capitais, o mercado acionário brasileiro voltou a registrar entrada líquida de recursos estrangeiros em julho, ainda que em magnitude relativamente modesta. Embora a continuidade desse fluxo seja positiva, vale destacar que agosto costuma ser um período de menor atividade dos investidores internacionais em razão das férias de verão no hemisfério norte, o que pode resultar em volumes reduzidos e menor liquidez nos mercados.

Do ponto de vista dos fundamentos, seguimos observando um cenário de estagnação e, em alguns segmentos, de deterioração gradual da atividade econômica. Entretanto, acreditamos que boa parte dessa piora já esteja refletida nos preços dos ativos. Voltamos a identificar oportunidades interessantes em diversos setores da bolsa brasileira, que seguem negociando próximos de múltiplos historicamente baixos. O universo de empresas de menor capitalização continua apresentando desconto relevante em relação ao Ibovespa, uma dinâmica que persiste há diversos trimestres. Embora enxerguemos valor significativo nesse segmento, ainda não identificamos gatilhos de curto prazo capazes de promover uma mudança mais expressiva de percepção por parte dos investidores.

Olhando para o restante do ano, continuamos acreditando que os mercados deverão conviver com níveis elevados de volatilidade. No cenário internacional, os desdobramentos geopolíticos e as eleições legislativas de meio de mandato nos Estados Unidos permanecem entre os principais fatores de atenção. No Brasil, o processo eleitoral deverá assumir papel cada vez mais relevante na formação das expectativas econômicas e na precificação dos ativos. Diante desse ambiente, mantemos nossa preferência por uma alocação equilibrada, privilegiando empresas de alta qualidade, fundamentos sólidos, boa governança corporativa e capacidade sustentável de geração de caixa. Não adotamos, neste momento, uma visão setorial restritiva, concentrando nossas decisões de investimento na seleção de ativos que combinem essas características com níveis de valuation atrativos.

Seguiremos monitorando de forma disciplinada as variáveis macroeconômicas, os desdobramentos políticos e as condições de liquidez, tanto no ambiente doméstico quanto internacional. Essa abordagem nos permite ajustar as carteiras de forma ágil diante das mudanças de cenário, buscando proteger o patrimônio dos investidores em períodos de maior turbulência e, ao mesmo tempo, capturar oportunidades que surgem quando a volatilidade cria distorções entre preço e valor, sempre com foco na geração consistente de retornos no longo prazo.

FUNDO DE FUNDOS



João Uchoa Borges

Head Fundo de Fundos

“ As incertezas globais foram reforçadas em função de três fatores principais: a reescalada dos conflitos no Oriente Médio, a postura mais rígida do Fed e as dúvidas sobre os retornos dos investimentos em infraestrutura de inteligência artificial. ”

Julho foi impactado pela intensificação dos conflitos geopolíticos, especialmente no Oriente Médio, que influenciaram diretamente os preços do petróleo. O Brent chegou perto de 100 dólares pela primeira vez desde maio, antes de recuar para cerca de 85 dólares ao final do mês. Essa volatilidade nos preços da commodity reforçou a incerteza global, embora a economia mundial tenha demonstrado maior capacidade de absorção a choques energéticos do que no passado.

Nos Estados Unidos, a reunião do Fed em julho confirmou um tom mais rígido, com a manutenção dos juros em 3,50%-3,75% e três votos dissidentes favoráveis à alta. Na sequência, o novo chairman confirmou a intenção de limitar o forward guidance. O aumento das incertezas levou as treasuries de 30 anos a atingir as taxas mais altas desde 2007. O setor de tecnologia também foi impactado, com o mercado reprecificando os investimentos de capital em inteligência artificial. Investidores passaram a exigir maior clareza sobre o retorno dos investimentos. A renda variável sofreu com o Nasdaq caindo 6,60% e o índice de semicondutores (SOX) despencando 20,60%, enquanto o S&P 500 permaneceu praticamente estável.

No Brasil, a inflação surpreendeu para baixo, com o IPCA-15 registrando 0,06%, bem abaixo da expectativa de 0,22%. Isso reforçou as apostas em cortes de juros no curto prazo e impulsionou a curva de juros local. A bolsa brasileira apresentou uma recuperação, ainda que modesta, com o Ibovespa subindo 3,5%, interrompendo uma sequência de quatro meses de perdas. Esse desempenho foi impulsionado pelo ingresso de 3 bilhões de reais em fluxo externo de investidores, que estão retomado o apetite por ativos emergentes.

No entanto, a cautela também predominou no mercado doméstico, com a proximidade das eleições e as preocupações fiscais ganhando destaque. A fragilidade das contas públicas, com déficit nominal em 10% do PIB, e a incerteza política mantiveram um ambiente de aversão ao risco. As curvas de juros reais seguem pressionadas, refletindo a necessidade de um ajuste fiscal mais robusto.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Julho	1,22%	0,85%	1,07%	0,97%	1,24%	-1,84%	3,47%	3,42%	-0,77%
2026	8,14%	5,95%	6,96%	5,09%	7,80%	-7,54%	10,47%	10,37%	-5,31%
12 meses	14,71%	12,75%	13,19%	10,19%	13,18%	-9,41%	33,76%	33,39%	4,54%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2026, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Julho/2026. CP 18.2026



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

